



Aquém além 22: modernismos em ponto de fuga

De treze a dezoito de fevereiro de 1922. Teatro Municipal, em São Paulo. No centésimo ano da independência do Brasil. Uma semana que não terminou, um vanguardismo subjacente ao movimento, diários de turista, o etnocentrismo paulista, antropofagia periférica, alegria, alegria, utopias revolucionárias e revoluções utópicas, o desvairismo, coices da crítica, paranoia ou mistificação, ode ao experimento, perspectivas pelo avesso, o português brasileiro, o herói sem nenhum caráter, tupi tangendo alaúde, a contribuição milionária de todos os erros... Cem anos atrás, a gripe espanhola arrefecia... Cem anos depois, a COVID-19 parece findar.

São inúmeras as referências circunscritas a um dos movimentos mais famosos da cultura brasileira, proposta reconhecida pelo seu teor revolucionário na dimensão estético-política da linguagem. Em meio às polêmicas que o sacudiram – aceitação, recusa, descrédito –, lado aos epítetos e clichês que o marcaram nas cabeças e orelhas de pessoas, grupos e livros – pela memória individual ou imaginário coletivo –, o Modernismo no Brasil merece vir à tela, à página e à mesa para deglutição contemporânea.

Não é silenciando, nem esquecendo, tampouco louvando ou recusando o lugar daqueles intelectuais, escritores, poetas e artistas, que se compreende a complexidade presente, passada e futura não da Semana “em si”, mas das reverberações que continua provocando. Entre a resistência e a adoção, entre o apagamento e o legado, revisitá-la implica revisitarmos – a nós e ao acervo crítico já produzido sobre ela.

Entender esse impacto em suas várias nuances clama por não meramente seguir as demandas da comemoração, senão para ouvir o que o outro tem ainda a dizer sobre um tema tão falado. A escuta demanda porosidade em tempos de aporia. Urge acolher as múltiplas vozes, porque discursos polifônicos deslizam da história única; um acolhimento que não é apenas contemplativo ou conciliatório, mas que abraça sem homogeneizar porquanto – retomando Homi Bhabha¹ – respeita as diversidades, sem pretender, de um lado, quebrar pedras, de outro, mumificar preceitos na lápide fixa da tradição.

À maneira de um desenho de dupla dimensão e cujo observador, por maior que seja o esforço, está, ainda, no centro, convocamos novas perspectivas que deslizassem da linha



previsível do horizonte e do ponto de vista único. Conforme consta no dossiê, se é o afunilamento das linhas de fuga em direção ao ponto que gera a sensação visual de profundidade dos objetos em perspectiva, importa-nos, de maneira análoga, a consideração de vários pontos de vista cuja pluralidade desobrigue as linhas à convergência singular, mesmo com alguma distorção estrutural.

Consonante ao presente dossiê, as linhas de fuga que compõem o desenho da *Matraga* 57 – os dez artigos, as duas entrevistas e uma contribuição especial acerca dos manifestos oswaldianos – irrompem em direção aos Modernismos que, entendidos de forma plural, diluem o caráter centralizador do ponto de convergência e alteram a perspectiva da história única. Este número, portanto, discute outros modernismos aquém/além dos espaços habituais de circulação; considera modalidades e gêneros distintos; traz à cena a problematização da nacionalidade xenófoba e sua alternativa antropofágica; acolhe a recepção e o ocaso das vanguardas; problematiza os modos de apropriação das culturas afro-brasileiras e indígenas e ainda enfatiza o debate acerca da discriminação racial. Tais ações apresentam-se, aqui, em dupla dimensão: como categoria teórica comparatista e como crítica, sendo ambas as vertentes experienciadas na literatura, no cinema, na música, no teatro e nas artes plásticas.

Pois bem, aos leitores que aqui nos acompanham, logo após adentrarem a janela da *Matraga* 57 que se abriu, antecipamos uma surpresa: encontrar-se-ão com o texto da conferência proferida na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, por José Luís Jobim, durante a sua permanência como Lemann Distinguished Visiting Professor do Comparative Literature Department. Com o título *The language of Brazilian modernism: a comparative perspective*, o pesquisador, crítico e professor da Universidade Federal Fluminense traz o Modernismo brasileiro em perspectiva comparada. A análise enfatiza a configuração heterogênea do movimento, partindo dos temas tratados, passando por técnicas largamente compartilhadas e alcançando a visão não unificada da língua, tópico que não é procedimento usual na dimensão comparatista e traz valiosa contribuição aos estudos do Modernismo no Brasil.

Escrito por Rita Olivieri-Godet, segue-se o artigo *Macunaíma, o prazer lúdico do texto*, em que, a partir do emblemático romance de Mário de Andrade (1928), a professora e pesquisadora da Universidade de Rennes e membro correspondente da Academia de Letras da Bahia estuda o componente lúdico que viabiliza o riso ambivalente na dialética do sério-cômico, desenvolvendo o argumento segundo o qual o elemento lúdico, nas suas palavras, confere coerência e verossimilhança ao texto, passando pela organização do sintagma narrativo, até a caracterização do herói, que pertence ao campo simbólico do romance.

Em *Diferentes conformações da timidez*, Luiz Philip Fávero Gasparete, Doutorando do Programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, alia arte e crítica mediante premissas teóricas, históricas e estéticas, trazendo ao prosclênio as opiniões de Rodrigo Naves acerca do cânone das artes plásticas a partir do modernismo de 22, além de contextualizar as reservas deste autor em relação a duas artistas representativas do movimento: Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. O artigo culmina com a análise de um trabalho do crítico, quando este formula certa linhagem das artes plásticas de que muitos nomes do cânone modernista foram excluídos.

Denilson Lopes, Professor titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, traz à cena, na Historiografia do Cinema, um material inédito, que considera importante contribuição para ampliar o conhecimento da história cultural e do cenário intelectual do Rio de Janeiro. Trata-se do diário de Mário Peixoto, diretor do filme *Limite* (1931), e de setenta depoimentos de parentes, conjunto textual que conduz a pensar na existência de *Um outro Modernismo* – justamente o título do seu instigante trabalho.

O artigo seguinte trata da *Música popular e as contradições do processo de modernização no Brasil: o projétil tropicalista*, escrito por Edson Pereira Silva, Mestre em Teoria Literária, e Roberto José Bozzetti Navarro, Professor do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica. Os autores buscam demonstrar, em seu estudo, que o projeto tropicalista, ao contrário do que entende o senso comum, não representou efetiva ruptura com o desenvolvimentismo na Era Vargas. Nesta perspectiva estético-política, o Tropicalismo teria representado a mesma estratégia com tática distinta, como se apenas invertesse os polos, mas permanecesse no mesmo campo. Importante lembrar que o Tropicalismo faz uma releitura da antropofagia oswaldiana de 22 na década de 70 e um exemplo bastante ilustrativo desta “geleia geral” é quando os famosos tropicalistas, propaladamente avessos à xenofobia, tocavam baião com guitarra elétrica.

Uma análise da filosofia oswaldiana conectada a perspectivas da crítica pós-moderna é tema do artigo *O retorno do antropófago cordial*, de Regina R. Félix, professora da University of North Caroline nos Estados Unidos. A ensaísta destaca que Oswald de Andrade dialoga com os intelectuais europeus no período entreguerras, para propor formas mais prósperas de sociabilidade, o que se desdobraria numa figuração alternativa da relação humano-ambiente-alteridade. Ao mostrar a substituição do Individualismo Patriarcal pelo Antropofágico/Matriarcal, como incorporação do “sentimento do outro”, sua análise volta-se para os textos *Manifesto antropófago*, *A crise da filosofia messiânica* e *Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial*.

Sob o curioso título *Roteiros do Abaporu*, o professor titular de Literatura Brasileira na Universidade de Buenos Aires, na Argentina, Gonzalo Aguilar, trata da imagem tida como a mais representativa da arte brasileira do século XX, embora nem sempre tenha sido assim, conforme ressalva do autor. O artigo indaga como e por que o *Abaporu* foi construído como emblema massivo e fartamente reproduzido em roupas, memes etc – questão curiosa que será respondida e/ou terá sua polêmica ampliada – em níveis estético, econômico, geopolítico e histórico.

No artigo *Numa estação ferroviária, Sérgio Sant’Anna encontra Oswald e Mário de Andrade*, o Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense, Pascoal Farinaccio, propõe-se a analisar um conto interessantíssimo, de Sérgio Sant’Anna (1989), que versa sobre um encontro imaginário entre os dois autores, colocando perspectivas críticas sobre o Modernismo brasileiro, relativas à problemática em torno da incorporação das vanguardas europeias em um país então marcado pela defasagem artística e pelo subdesenvolvimento econômico.

Em *Verde-amarelismo, antropofagia e democracia racial*, Rodrigo Octávio Cardoso, Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, levanta polêmica necessária acerca do mito da democracia racial, cujo retorno em vários discursos é uma forma de ocultar ou subestimar os efeitos do racismo no Brasil. Esse mito, que foi consolidado na década de 1930, tem bases fir-

mes nas discussões intelectuais acerca dos modernismos dos anos 1920 e construiu a própria hegemonia pela formação de consensos. A análise considera os diálogos estabelecidos com o Verde-amarelismo dentro do modernismo paulista de 1920 e a presença da questão racial na *Revista de Antropofagia*.

O artigo final, de Tainá Cavalieri Faria, Especialista em Cinema e mestranda da Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, do Departamento de Letras, e Frederico Oliveira Coelho, professor do mesmo programa e atual diretor do Solar Grand-Jean de Montigny, ambos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitula-se *Raça Canibal: a deglutição da eugenia pelos estômagos literários*. Este estudo traz um debate bastante caro às discussões contemporâneas, oferecendo uma leitura da antropofagia enquanto movimento cultural amplo e diversificado no final da década de 1920, o que, por sua vez, reflete, em seu interior, as disputas nacionais sobre a construção de uma “raça brasileira”. Nas palavras dos autores, a análise dos textos na *Revista de Antropofagia* e a respectiva expansão na imprensa literária levaram à constatação “tanto do debate eugenista quanto de seu léxico racista, que fornecem modelos de análise para a ideologia miscigenacionista no Brasil e sua relação com o racismo brasileiro.”

Observam-se, desde já, os valiosos desdobramentos das discussões levantadas pelos articulistas, as quais transbordam – aquém além – da simples convocação à releitura concernente à Semana de 22.

Voltando, assim, ao desenho sugerido no presente dossiê, a proposta de cada artigo mostrou que as linhas de fuga são tantas quanto a quantidade de direções que o espaço em questão possa ter, o que favorece a multidimensionalidade dos pontos de vista nas telas que vão se abrindo em cada releitura. Com o décimo artigo, neste ponto-instante da nossa Apresentação, anuncia-se o momento em que, acompanhando o desenho traçado, abre-se nova janela para duas personalidades brasileiras que gentilmente nos concederam uma entrevista.

Foi uma conversa bastante profícua com Gilberto Mendonça Teles, goiano de nascimento, professor pleno emérito em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; e com a pesquisadora nascida em São Bernardo do Campo, Helena Bonito Couto Pereira, atualmente Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Durante a entrevista, o Professor Gilberto, com seus inacreditáveis 90 anos, atualizou parte da história circunscrita no clássico livro *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, unindo as pontas de seu aparecimento em 1972 e várias atualizações até 2022. Na mesma conversa, a Professora Helena conta, por sua vez, como foi a recepção do livro *Intermediações literárias: Brasil-França*, em que analisa as relações culturais entre os dois países, para chegar à proposta de como discutir criticamente a presença do legado modernista nesta produção lítero-artística, pensando nos estudantes e pesquisadores de Letras, Artes, Cinema, Artes Plásticas e áreas afins.

Entrevistas feitas, passamos à contribuição especial de Roberto Acízelo, professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que, ao tratar das famosas proclamações modernistas oswaldianas – o “Manifesto Pau-Brasil” (1924) e o “Manifesto Antropófago” (1928) –, preparou “uma espécie de restauração editorial destas peças-chave do movimento”, antevendo uma futura edição crítica mais definitiva.

Por fim, mantendo as janelas do número semiabertas, esperamos partilhar, com as leitoras e os leitores da *Matraga* 57, esta homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna que, em meio a tantas outras, ora lhes chega às mãos e aos olhos. Pluralizar os modernismos e simultaneamente redesenhá-los em perspectiva, alocando as linhas de fuga em direção ao infinito, é tarefa que constitui uma dinâmica complexa e urgente: implica revisão acurada do olhar, ou seja, alguma reformulação necessária do modo de ler a si e ao entorno em dimensão teórico-crítica, experiência que transforma não só os sentidos dos textos do passado, mas também os textos que deram sentido a esse passado. Fixar-se na intransitividade pretérita é recusar a potência do discurso literário para redesconstruir a trama de valores outrora estabelecidos.

Afinal, se podemos falar em alguma lição que nos tenha deixado a Semana de Arte Moderna de 1922, nesse seu centenário, talvez seja a convocação de novas perspectivas que deslizem da linha do horizonte e do perigoso ponto de vista único. Imbuídos desse espírito de diversificação e diversidade, convidamos todas, todes e todos à leitura do dossiê “Aquém além 22: modernismos em ponto de fuga”.

Maria Cristina C. Ribas e Anélia M. Pietrani

NOTA

1. BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.